



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO ABERTA E A DISTANCIA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**



**A ABORDAGEM DAS RELAÇÕES RACIAIS NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA**

**Brena Marcela Perpétuo – 18.1.9070**

Divinolândia de Minas – MG

2021

BRENA MARCELA PERPÉTUO

**A ABORDAGEM DAS RELAÇÕES RACIAIS NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal de Ouro Preto,  
como requisito básico para a Conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia.**

**Jacks Richard De Paulo**

---

**Orientador**

**Marta Bertin**

---

**Avaliador (a)**

Ouro Preto- MG

2021



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Brena Marcela Perpetuo**

### **A abordagem das relações raciais na disciplina de Geografia**

Monografia apresentada ao Curso de Geografia da Universidade Federal de Ouro Preto  
como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Geografia

Aprovada em 15 de dezembro de 2021

#### Membros da banca

Dr. Jacks Richard de Paulo - Orientador(a) Universidade Federal de Ouro Preto  
Dr<sup>a</sup>. Marta Bertin - Universidade Federal de Ouro Preto

Dr<sup>a</sup>. Marta Bertin, Coordenadora do Curso de Geografia, certifica a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 09/06/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Marta Bertin, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 09/06/2022, às 15:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0342413** e o código CRC **BFCB976D**.

## SUMÁRIO

<b>1 – INTRODUÇÃO .....</b>	<b>04</b>
<b>2- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>07</b>
<b>3- A INFERORIZAÇÃO DOS ALUNOS NEGROS COMO CONSEQUÊNCIA DO RACISMO ESTRUTURAL .....</b>	<b>08</b>
<b>4- AS PRÁTICAS RACISTAS NO AMBIENTE ESCOLAR.....</b>	<b>10</b>
<b>6- A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ETNICO-RACIAIS NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA.....</b>	<b>11</b>
<b>7-LEGISLAÇÕES QUE ASSEGURAM O ENSINO DAS RELAÇÕES ETNICOS- RACIAIS EM ESCOLAS PUBLICAS E PRIVADAS DO PAÍS.....</b>	<b>13</b>
<b>8-CONCLUSÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>9-REFERÊNCIAS.....</b>	<b>16</b>

# A ABORDAGEM DAS RELAÇÕES RACIAIS NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA

**Brena Marcela Perpétuo**

## RESUMO

O presente artigo tem por objetivo abordar as relações raciais dentro das salas de aulas com foco na disciplina de Geografia. Visto os elevados índices de jovens e adultos negros analfabetos e que a geografia é uma ciência de ampla investigação que vai deste o estudo da superfície terrestre até o relacionamento do ser humano com o espaço habitado, o trabalho tem o intuito de identificar problemáticas relacionadas à perda de cultura e identidade dos alunos afrodescendentes, devido ao racismo estruturante da sociedade, e posteriormente propor possíveis soluções para tais. O projeto foi elaborado a partir de levantamento bibliográfico e revisão dos artigos escolhidos relacionados ao tema.

**PALAVRAS-CHAVE:** Racismo; Geografia, Escola; Artigo.

## ABSTRACT

This article aims to address racial relations within classrooms with a focus on the subject of geography. Given the high rates of illiterate black youth and adults and that geography is a science of wide investigation ranging from the study of the earth's surface to the relationship of human beings with the inhabited space, the work aims to identify problems related to loss of culture and identity of Afro-descendant students, due to the lack of preparation of teachers and the structuring racism of society, and later to propose possible solutions for them. The project was developed from a bibliographic survey and review of chosen articles related to the topic.

**KEY WORDS:** Racism; Geography; School; Article.

## 1. INTRODUÇÃO

A disciplina de Geografia possui um importante papel para o enfrentamento do racismo nas escolas. As estatísticas mostram elevados números de atitudes racistas dentro das escolas, pois sendo integrante da sociedade em geral a escola por sua vez também desenvolve práticas racistas.

Gomes (2005 p.143) que diz que “a escola é responsável pelo enfrentamento do preconceito dentro de suas dependências, entretanto é perceptível que em algumas vezes o preconceito racial é vindo do corpo docente”. O argumento do autor é contraditório, pois aqueles que deveriam repreender as atitudes racistas, propor reflexões acerca das relações raciais, e trazer as questões raciais e toda a contribuição de negros e negras para a história para a discussão, são os mesmos que praticam ações desiguais dentro das escolas.

Segundo Marques & Fonseca (2020) o racismo é um fenômeno segregador e excludente que se manifesta no espaço geográfico, fazendo com que a população negra seja prejudicada em diversos aspectos, inclusive dentro das salas de aula. O ensino das questões raciais nas aulas de Geografia contribui para que o aluno encontre a sua identidade em relação ao meio vive e ainda melhora as relações raciais no ambiente escolar.

Para compreender a abordagem das relações raciais na disciplina de Geografia, é necessário entender antes, alguns conceitos primordiais, como por exemplo, racismo e democracia racial e o peso que ambos exercem sobre a sociedade.

O racismo é em si, um julgamento prévio colocando uma raça superior à outra, onde a raça negra quase sempre fica na base da pirâmide. Lopes (2005) colabora dizendo:

As pessoas não herdam, geneticamente, ideias de racismo, sentimentos de preconceito e modos de exercitar a discriminação, antes os desenvolvem com seus pares, na família, no trabalho, no grupo religioso, na escola. Da mesma forma, podem aprender a ser ou tornar-se preconceituosos e discriminadores em relação a povos e nações (LOPES, 2005, p. 188).

Apesar de se ver na prática, nos jornais, no cotidiano em geral atos racistas muitas pessoas insistem em dizer que não existe racismo. A melodia denominada “Racismo é Burrice Pensador (2003) diz sobre o racismo:

O racismo é burrice mas o mais burro não é o racista  
É o que pensa que o racismo não existe  
O pior cego é o que não quer ver  
E o racismo está dentro de você  
Porque o racista na verdade é um tremendo babaca  
Que assimila os preconceitos porque tem cabeça fraca  
E desde sempre não pára pra pensar  
Nos conceitos que a sociedade insiste em lhe ensinar  
E de pai pra filho o racismo passa  
Em forma de piadas que teriam bem mais graça  
Se não fossem o retrato da nossa ignorância  
Transmitindo a discriminação desde a infância  
E o que as crianças aprendem brincando  
É nada mais nada menos do que a estupidez se propagando  
Nenhum tipo de racismo - eu digo nenhum tipo de racismo - se justifica  
Ninguém explica  
Precisamos da lavagem cerebral pra acabar com esse lixo que é uma herança cultural  
Todo mundo que é racista não sabe a razão  
Então eu digo meu irmão  
Seja do povão ou da elite  
Não participe (PENSADOR, 2003)

Sobre o conceito de democracia racial, pode-se dizer que se consiste na negativa da existência do racismo no Brasil, este conceito aborda que se tem uma democracia plena no país que abrange a todos os povos, a todas as raças, apagando as inconformidades provocada pelos atos racistas.

Bernadinho (2000) aborda que no Brasil se tem a prática de uma falsa democracia racial, pois muitos demonstram uma harmonia entre raças enquanto ainda não se é praticado nenhum ato que contribua para tal democracia. A cerca dessa falsa ideologia.

Fernandes (1970) afirma que:

A democracia só será uma realidade quando houver, de fato, igualdade racial no Brasil e o negro não sofrer nenhuma espécie de discriminação, de preconceito, de estigmatização e de segregação, seja em termos de classe, seja em termos de raça. (FERNANDES, 1970, p. 160)

Corroborando com os argumentos anteriores, Santos (2003) aponta a necessidade de se criar medidas eficazes para amenizar a discriminação racial, dizendo;

Discriminamos os negros, mas resistimos a reconhecer a discriminação racial que praticamos contra esse grupo racial, [...] o racismo está no outro bairro, na outra empresa, na outra universidade, na outra cidade, no outro estado, em outro país, entre outros, menos em nós mesmos. Nós, por mais que os dados estatísticos oficiais e não oficiais nos indiquem abismais desigualdades entre negros e brancos, achamos que não temos nada a ver com isso, pois a maioria absoluta dos brasileiros só vê o racismo dos outros e nos outros, nunca neles mesmos (SANTOS, 2003, p.86).

Esta citação referência ao racismo estrutural, que segundo Almeida (2018) é decorrência de uma estrutura social que normaliza o racismo como padrão social, onde ainda hoje, é aceitável e a sociedade naturaliza as inúmeras mortes de jovens negros. Diante disso, Silvio afirma que o racismo é estrutural e estruturante das relações sociais o que contribui na formação do sujeito.

Segundo Rosemberg e Pinto (1997):

Além das desigualdades raciais quanto à educação, ou seja, as baixas escolaridades das pessoas pretas e pardas por causa do difícil acesso às escolas, podemos ver também que tais desigualdades são acentuadas pela baixa qualidade de serviços escolares oferecidos a este grupo. (ROSEMBERG & PINTO, 1997, p. 05).

Diante disso, fica explícito a necessidade de aprimorar o ensino das relações raciais durante o ensino da geografia, tornando-o presença constante durante as aulas e que a tratativa

das relações sociais racistas no ambiente escolar, em especial na disciplina de Geografia é algo desafiador, pois apesar de se encontrar na literatura acadêmica um vasto material sobre o tema, cada autor se posiciona de maneira individual sobre o racismo.

A partir do exposto anteriormente a presente pesquisa se justifica na necessidade de discutirmos sobre as questões raciais estão presentes no ambiente escolar e da necessidade de se oferecer discussões atualizadas aos profissionais da educação sobre como as questões raciais são abordadas no ambiente escolar. Justifica-se ainda a partir das inferências pessoais do autor ao longo da vida no ambiente escolar durante a educação básica e o ensino superior na área de Geografia.

Durante a Educação Básica realizada em uma escola pública no interior de Minas Gerais onde praticamente não havia interação entre a Geografia ou qualquer outra disciplina e as relações raciais, a não ser durante uma única vez ao ano, em 20 de novembro dia Nacional da Consciência Negra os alunos não brancos que durante todo ano tiveram sua cultura suprimida e esquecida tornavam-se protagonistas das atividades coletivas na escola. Nesta data solicitava-se que os alunos que elaborassem apresentações sobre cultura africana e outros temas da luta racial, no entanto, não havia explicação prévia para que o aluno de fato pudesse compreender a atividade de forma correta a importância dela. De maneira geral os alunos faziam pelos pontos distribuídos.

Terminado o Ensino Básico e se iniciado um novo ciclo no ensino superior foi perceptível que as instituições de ensino são moldadas de modo a preconizar sempre os valores definidos pelas classes sociais dominantes. Onde foi ofertada apenas uma única disciplina no penúltimo período do curso que abordara as questões étnico raciais de forma mais aprofundada.

O presente artigo busca compreender as relações raciais no ensino da geografia, como elas aparecem no currículo escolar e nos documentos oficiais. Busca-se ainda:

- a) Oferecer um compilado de informações sobre o racismo nas escolas de forma que docentes tenha acesso a informações que possam combater o racismo no ambiente escolar;
- b) Listar algumas práticas que facilitam a reprodução do racismo no dia a dia das escolas e como combatê-las;
- c) analisar os desafios e as perspectivas do ensino da Geografia nas aspectos inerentes as questões raciais.

## **2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A presente pesquisa é uma pesquisa qualitativa realizada a partir da revisão de uma vasta bibliografia acadêmica existente. Segundo Gil (2008) realizar uma pesquisa bibliografia permite que o autor trate o tema mais amplamente ao coletar e revisar as informações.

A fim de produzir um artigo acadêmico com conteúdo coeso e de fácil entendimento para os leitores tanto da área da educação como entusiastas do assunto foram, avaliados e selecionados; artigos, livros, relatórios técnicos, reportagens nas bases de dados: Google acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO), e também dados estatísticos. Foram analisados autores tais como: Almeida (2018) que fala sobre a estrutura social que existe por trás do racismo. Tolentino (2018), versando acerca dos caminhos alternativos para desenvolver uma educação de fato antirracista e inclusiva para com os alunos negros.

### **3. A INFERIORIZAÇÃO DOS ALUNOS NEGROS COMO CONSEQUÊNCIA DO RACISMO ESTRUTURAL**

Almeida (2018) apresenta as particularidades de cada momento da sociedade brasileira, apontando fatos históricos sobre a etimologia do termo raça. Para o autor raça não pode ser entendida como um termo fixo e isolado, uma vez que por trás de seu significado existe sempre uma luta ou um marco. Diz ainda que o termo raça pode ser definido como característica biológica, na qual a identificação racial vai de encontro à cor da pele, e/ou traço físico; e a característica étnico-cultural em que a definição é atribuída, que parte de aspectos geográficos, culturais, linguísticos, religiosos e costumes locais.

Almeida (2018) apresenta as três diferentes concepções acerca do racismo. A primeira delas é a concepção individualista em que o racismo é visto como uma anormalidade ou patologia, podendo ser ético ou psicológico de um indivíduo ou um grupo, em geral essa concepção pode se encaixar melhor como um preconceito e não necessariamente ao racismo, por se tratar da natureza psicológica de um fenômeno individual ou coletivo contra grupos isolados.

A concepção institucional retrata sobre o posicionamento das instituições, que atuam atribuindo desvantagens e privilégios com base na raça. Por fim, a concepção de racismo estrutural a que talvez seja o mais complexo de ser compreendida e tema central do livro, trata decorrência de uma estrutura social que normaliza o racismo como padrão social, onde ainda

hoje, é aceitável e a sociedade naturaliza as inúmeras mortes de jovens negros. Diante disso, Silvio afirma que o racismo é estrutural e estruturante das relações sociais o que contribui na formação do sujeito (ALMEIDA, 2018).

De acordo com a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio - PNAD (IBGE, 2019) os dados sobre a educação no Brasil são alarmantes, principalmente no quesito raça. Somente em 2019 foi a diferença sobre a taxa de analfabetismo entre pessoas pretas e brancas. Onde o índice de analfabetos brancos na faixa etária de 15 anos era de 3,6%. Esse percentual se eleva assustadoramente para 8,9% em pessoas negras da mesma idade. Esses dados revelam o quanto o racismo ainda está presente no meio das práticas educacionais, e isso se concretizam também ao observar os livros didáticos,

Costa (2007) faz uma abordagem sobre a discriminação racial contida nos livros:

Os produtores de livro didático no Brasil, em pleno século XXI, não somente negam aos negros o direito de usufruir de uma imagem positiva ao qual todo brasileiro faz jus, como insuflam a perpetuação de um imaginário social fértil para a consolidação da discriminação racial contra o negro, tanto no nível estrutural, quanto nas relações que socialmente são construídas. Isso demonstra ineficácia dos processos avaliativos aos quais os governos, mediante o MEC têm submetido esses livros. COSTA (2007, p.90)

Acrescentando ainda à inferioridade dos alunos negros relacionados aos alunos brancos dentro do ambiente escolar, Santos (2007) afirma que:

[...] Há um silenciamento (por parte da equipe docente e gestora) em relação às atitudes de discriminação apresentadas pelos alunos e uma falta de atitude mais rígida em relação às práticas discriminatórias de alunos, bem como a inexistência de amparo aos que sofreram discriminação. SANTOS (2007, p.80)

Em seus estudos sobre o desempenho dos alunos negros, Gonçalves (2007) constata o seguinte:

O sistema educacional brasileiro apresenta baixos índices de conclusão do Ensino Fundamental, mas altos percentuais de evasão e repetência. Quando localizamos a criança negra nesse quadro, vemos que, embora o Ensino Fundamental esteja praticamente universalizado, os altos índices de evasão, repetência e baixo desempenho escolar, a atinge em maior densidade. (GONÇALVES, 2007, p. 7).

Diante do exposto, fica claro que as práticas racistas estão introduzidas no ambiente escolar, como parte da estrutura que se tem por de traz do racismo. Dentro da concepção do racismo institucionalizado, é possível abrir um leque sobre o posicionamento das instituições escolares no que diz respeito às práticas racistas

Para Brito (2013) o pontapé inicial para dar-se início aos trabalhos de combate da discriminação racial dentro do ambiente escolar, começa com os professores e servidores em geral, segundo ela, é extremamente necessário um trabalho de reconhecimento negro com os trabalhadores, pois há inúmeros docentes negros ou descendentes que não se veem negros, e isso afeta diretamente no relacionamento com o aluno.

Cavalleiro (1998), aponta que um ato simples por parte do professor no início da vida escolar da criança pode ser um grande passo para o combate ao racimo. O autor constatou que havia nas escolas baixa quantidade de cartazes que apresentem a diversidade de raças, mostrando os diferentes tons de pele, e o tratamento diferenciado que as crianças negras recebem de alguns professores, pode acarretar no futuro uma ausência de memória afetiva da educação infantil. Este fato se dava porque os professores estão moldados mesmo que inconscientemente a não fazê-lo, desde a sua formação inicial

Por isso se faz necessário uma capacitação de professores de geografia, mostrando-lhes a importância de se entender e tratar sobre os preconceitos raciais, desigualdade social sofridas pela população negra no Brasil, pois é imprescindível que se faça a tratativa desses assuntos de forma adequada dentro das dependências escolares. (CASTRO, 2015)

Desde modo Cavalcanti (1993) aborda que:

O trabalho do professor deve ser o de partir da realidade do aluno, de suas observações e sensações – plano sensório – para propiciar a ampliação de conceitos já existentes e formação de novos conceitos que serão instrumentos para uma análise crítica – plano abstrato/racional da realidade. Nesse entendimento, o conhecimento do espaço geográfico parte do plano sensório, do observável – a paisagem geográfica -, para ir apreendendo suas relações internas, atingindo, com isso, sua estrutura interna, seu conteúdo – o espaço geográfico. (CAVALCANTI, 1993, p.77)

Seja nas piadinhas em rodas de amigos, em apelidos maldosos, em uma exigência da meritocracia, ou o desrespeito que muitos têm com a história da população negra, fica nítido o quanto o racismo é estrutural e estruturante da sociedade em que vivemos, e que para mudar isso será uma batalha árdua e diária.

#### **4. AS PRÁTICAS RACISTAS NO AMBIENTE ESCOLAR**

É eminente que o racismo está presente em todas as esferas da sociedade, e que o fenômeno traz inúmeros traumas para as vítimas. Tal prática contrapõe o papel que deveria ser desenvolvido pelas escolas.

Quando falamos em discriminação étnico-racial nas escolas, certamente estamos nos referindo a práticas discriminatórias, preconceituosas, que envolvem um universo composto por relações raciais pessoais entre os estudantes, professores, direção da escola, além do forte racismo repassado através dos livros e outros materiais didáticos (SAN'ANA, 2005 apud MUNANGA, 2005).

Por fazer parte da estrutura social, o racismo está presente em pequenas atitudes do cotidiano escolar, que muitas vezes passa despercebido.

Um exemplo nítido dessas ações diz respeito ao suposto lápis de cor “tom de pele” que se trata de uma cor clara, isso faz uma referência ao tom de pele ideal. O que provoca na criança negra questionamentos acerca de sua cor. Crianças, jovens e adultos são ofendidos constantemente no ambiente escolar, seja por apelidos, piadas, vocábulos ditos comumente afeta diretamente as vítimas, colocando-as numa posição de invisibilidade.

O racismo no ambiente escolar é uma das mais perversas formas de violência cotidiana em nosso país. Ele evidencia o contraste entre o papel que a escola deve desempenhar para enfrentar este problema e a reprodução de estigmas por narrativas e práticas adotadas nas instituições de ensino, pautadas em referências etnocêntricas, permeadas por preconceitos que reproduzimos (in)conscientemente. A falta de preparo de educadores para lidar com as manifestações de discriminação resultantes da convivência problemática com a diversidade é reflexo do mito brasileiro da democracia racial. (HENRIQUES e CAVALLEIRO, 2005 apud MUNANGA, 2005)

Em cima disso, nota-se a grande importância de se ter uma representatividade negra dentro das instituições escolares, e se faz necessário uma intervenção que colabore na formação da identidade desses alunos prejudicados.

#### **5. A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA**

Para entender a relação entre as questões raciais e a Geografia, é necessário compreender antes, o importante papel que a Geografia desempenha na formação de identidades de cidadãos. Callai (1999) coloca que:

Por que estudar Geografia?

Podemos colocar três razões para responder a essa pergunta. Primeiro: para conhecer o mundo e obter informações, que há muito tempo é o motivo principal para estudar Geografia. Segundo: podemos acrescentar que a Geografia é a ciência que estuda, analisa e tenta explicar (conhecer) o espaço produzido pelo homem. Ao estudar certos tipos de organização do espaço, procura-se compreender as causas que deram origem às formas resultantes das relações entre sociedade e natureza. Para entendê-las, faz-se necessário compreender como os homens se relacionam entre si. Terceira razão: não é no conteúdo em si, mas num objetivo maior que dá conta de tudo o mais, qual seja a formação do cidadão. Instrumentalizar o aluno, fornecer-lhe as condições para que seja realmente construída a sua cidadania é o objetivo da escola, mas à Geografia cabe um papel significativo nesse processo, pelos temas, pelos assuntos que trata. (CALLAI, 1999 p. 57)

De modo a colaborar com a terceira razão mencionada acima, Castrogiovanni (1999) aborda que:

O professor de Geografia busca através do seu fazer pedagógico ampliar o conhecimento do aluno sobre o mundo, sobre as relações entre a sociedade e a natureza, das quais participa, e promover valores e atitudes que concorram para a construção de uma sociedade melhor. (CASTROGIOVANNI, 1999, p.86)

Segundo a BNCC – Base Nacional Comum Curricular (Brasil 2018) que é o documento responsável por normatizar e definir os componentes curriculares essenciais que os alunos precisam cursar durante sua vida letiva que está sempre em sintonia com o Plano Nacional de Educação. A BNCC a educação deve promover:

[...] A valorização das diferenças e o atendimento à pluralidade e à diversidade cultural resgatando e respeitando as várias manifestações de cada comunidade[...]. (BRASIL, 2018, p. 11)

No que diz respeito às competências gerais dispostas pela BNCC, que vão de encontro com a abordagem das relações raciais na disciplina de Geografia, tem-se:

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da

cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018, p. 9;10)

A Base Nacional Comum Curricular, dentro da disciplina de Geografia contribui muito para com os docentes da área uma vez que o assunto em pauta está todo regulamentado na Base:

Desse modo, a aprendizagem da Geografia favorece o reconhecimento da diversidade étnico-racial e das diferenças dos grupos sociais, com base em princípios éticos (respeito à diversidade e combate ao preconceito e à violência de qualquer natureza). Ela também estimula a capacidade de empregar o raciocínio geográfico para pensar e resolver problemas gerados na vida cotidiana, condição fundamental para o desenvolvimento. (BRASIL, 2018, p.359)

O ensino das relações raciais dentro do ensino de Geografia está descrito legalmente na regulamentação contida na Base Nacional Comum Curricular, dentro da unidade temática comum; “O sujeito e seu lugar no mundo”. É possível concretizar essa afirmação em:

Na unidade temática O sujeito e seu lugar no mundo, focalizam-se as noções de pertencimento e identidade. No Ensino Fundamental – Anos Iniciais, busca-se ampliar as experiências com o espaço e o tempo vivenciadas pelas crianças em jogos e brincadeiras na Educação Infantil, por meio do aprofundamento de seu conhecimento sobre si mesmas e de sua comunidade, valorizando-se os contextos mais próximos da vida cotidiana. Espera-se que as crianças percebam e compreendam a dinâmica de suas relações sociais e étnico-raciais, identificando-se com a sua comunidade e respeitando os diferentes contextos socioculturais. Ao tratar do conceito de espaço, estimula-se o desenvolvimento das relações espaciais topológicas, projetivas e euclidianas, além do raciocínio geográfico, importantes para o processo de alfabetização cartográfica e a aprendizagem com as várias linguagens (formas de representação e pensamento espacial). (BRASIL, 2018, p.362).

Os dados acima mencionados revelam todo o suporte que a BNCC assegura sobre o ensino das relações raciais em especial na disciplina de Geografia, entretanto, Santos (2016) afirma que, desde os períodos coloniais até os dias atuais a população negra vem sendo excluída das oportunidades de escolarização sofrendo com uma sociedade que apesar de crer no mito da democracia racial, permanece com traços racistas e escravistas do passado.

## 6. LEGISLAÇÕES QUE ASSEGURAM O ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS DO PAÍS

Após anos de luta o Movimento Negro conseguiu um grande avanço que foi a elaboração de Políticas Públicas em prol da cultura afrodescendentes. No dia nove de janeiro de 2003, é implementada pelo presidente da República Luís Inácio Lula da Silva a Lei 10.639/2003 que determina o ensino da História e da Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas públicas e privadas do Brasil.

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira. § 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e políticas pertinentes à História do Brasil. (BRASIL, 2003, p. 01)

A implementação dessa Lei está regularmente inscrita na Base Nacional Comum Curricular em várias disciplinas, no que diz respeito à de Geografia temos:

Assim, é imprescindível que os alunos de Geografia identifiquem a presença e a socio diversidade de culturas indígenas, afro-brasileiras, quilombolas, ciganas e dos demais povos e comunidades tradicionais para compreender suas características socioculturais e suas territorialidades. Do mesmo modo, é necessário que eles diferenciem os lugares de vivência e compreendam a produção das paisagens e a inter-relação entre elas, como o campo/cidade e o urbano/rural, no que tange aos aspectos políticos, sociais, culturais, étnico-raciais e econômicos. (BRASIL, 2018, p.366)

A aprovação dessa Lei foi um grande marco na luta antirracista no Brasil, uma vez que a partir dela, surgiu a possibilidade de explorá-la como um meio de enfrentamento às desigualdades dentro do âmbito escolar, pois ao retratar povos negros e suas respectivas culturas, o ensino proporcionará aos alunos negros e pardos um acolhimento quanto às suas origens.

As seguintes habilidades prescritas na Base Nacional Comum Curricular Brasil, (2018, p.377-393) podem nortear os docentes quanto aos trabalhos a serem desenvolvidos:

(EF05GE02) Identificar diferenças étnico-raciais e étnico-culturais e desigualdades sociais entre grupos em diferentes territórios. (p.377). (EF07GE04) Analisar a

distribuição territorial da população brasileira, considerando a diversidade étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática), assim como aspectos de renda, sexo e idade nas regiões brasileiras. (p.385)

(EF09GE14) Elaborar e interpretar gráficos de barras e de setores, mapas temáticos e esquemáticos (croquis) e anamorfoses geográficas para analisar, sintetizar e apresentar dados e informações sobre diversidade, diferenças e desigualdades sociopolíticas e geopolíticas mundiais. (BRASIL, 2018 p.393)

Entretanto, Cunha e Gomes (2006) apontam pontos relevantes como o despreparo quanto elaboração de materiais didáticos e à formação de professores acerca da nova lei. Corroborando a isso Benilda Brito (2013) afirma que após 10 anos de implementação da Lei nº 10.639, ao contrário do que se esperava, a população negra não foi tão incluída e sim excluída por meio de outras leis, decretos e políticas públicas, que impedi a essa população de adentrar em certos espaços, inclusive em algumas escolas. Brito (2013) afirma ainda que a formação acadêmica dos professores não contribui para com a quebra de paradigmas racistas, e só não estar pior este cenário devido ao Movimento Negro que não se cala, e nem para de agir.

## 7. CONCLUSÃO

A partir da análise dos materiais selecionados foi possível inferir que a discriminação racial está em todos os âmbitos da sociedade, inclusive dentro das salas de aulas, e sendo a geografia uma, disciplina que estuda o ser humano e sua relação com a sociedade e o meio ambiente, cabe aos docentes de geografia cabe a nós promover dentro do ambiente escolar, uma educação igualitária e inclusiva a todos independentemente da cor, raça, cultura ou religião. De acordo com Tolentino (2018) a partir do momento que o professor passa a entender o cotidiano, o contexto no qual seus alunos estão inseridos, e começa a resgatar a cultura afrodescendentes através de meios didáticos pedagógicos interativos acompanhado de toda uma estrutura psicopedagógica é possível sim ter bons resultados na educação. Tolentino (2018) conta sua experiência em sala de aula em que ao levar uma música de funk para sala de aula e trabalhar o seu enredo com os alunos obteve-se um alto índice de participação dos alunos, pois era algo da realidade deles o que facilitou nos bons resultados.

Pode-se afirmar que o livro de Silvio Almeida é uma obra de grande valia para a compreensão sobre o tema de racismo estrutural, a mesma oferece ao leitor uma bagagem

inovadora repleta de conceitos e argumentos que auxiliam no esclarecimento sobre o assunto. E por fim, é possível constatar que a partir do momento que conhecemos toda a estrutura que há por trás do racismo, fica explícito que a luta para o combater é árdua e contínua, e é inegável a necessidade de trazer para o debate e lutar contra esse racismo estruturante dentro das salas de aulas.

Por fim não poderia finalizar esse artigo de revisão sem citar o grandioso Nelson Mandela que em seu Livro "Long Walk to Freedom" (1995), diz que ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar. Então, que tal ensinarmos para os alunos amar e respeitar as diferenças através de gestos e atitudes?!

## 8. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz. **O que é o racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento 2018.

BRITO, Benilda; NASCIMENTO, Valdecir (Coord.). **Negras (In) Confidências – Bullying, não. Isto é Racismo.** (Mulheres Negras contribuindo com as reflexões sobre a Lei 10639/03). 1. ed. Belo Horizonte – MG: Mazza Edições, 2013.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Educação é a Base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)> Acesso em: 04 nov. 2021.

CASTRO E.F.de. **A contribuição da lei 10.639/03 na formação continuada dos educadores para uma educação antirracista.** Curitiba. 2015. Disponível em <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/50776/R%20-%20E%20-%20EUDOCIA%20DE%20FATIMA%20DE%20CASTRO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em 16 nov 2021.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **E agora, como fica o ensino da Geografia com a globalização?** In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; CALLAI, Helena C.; SCHÄFFER, Neiva Otero; KAERCHER, Nestor A. (Orgs.). **Geografia em salas de aula: práticas e reflexões.** Porto Alegre: Editora da UFRGS/Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 2. ed., 1999.

CAVALCANTI, L. de S. Elementos de uma proposta de ensino de Geografia no contexto da sociedade atual. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 13, n. 1, p. 65–82, 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/bgg/article/view/4342>>. Acesso em: 5 nov. 2021

- CAVALLEIRO, E S. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** São Paulo: Contexto, 1998, p.240.
- CUNHA Junior, GOMES Ana. Comunidades negras rurais, quilombolas, no Piauí e o meio ambiente: perspectiva de educação ambiental. In: MATOS, Kelma, S.L (Org) **Cultura da Paz, educação ambiental e movimentos sociais: ações com sensibilidade.** Fortaleza: UFC, 2006.
- GIL, Antônio Carlos **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, N. L. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, K. (Org.). **Superando o racismo na escola.** 2. ed. Brasília, DF: MEC, 2005. p. 143-154.
- HENRIQUES, Ricardo e CAVALLEIRO, Eliane. Prefácio à 2ª edição (2005). In: MUNANGA, Kabengele (Org.) **Superando o racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, 2ª ed. Revisada (p.11-13).
- IBGE. Estatísticas Sociais. Mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio. **Agência IBGE Notícias**, 15 jul. 2020. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio>> Acesso em: 06 out 2021.
- PENSADOR, Gabriel. **Racismo é burrice.** São Paulo, Sony Music 2003. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/gabriel-pensador/72839/>> Acesso em: 16 nov. 21
- MANDELA, Nelson. **Long Walk to Freedom.** África do Sul: Little, Brown Book Group 1995.
- MARQUES, A. C. S.; FONSECA, R. L. **O ensino das relações raciais em geografia: proposições para sala de aula.** Geosaberes, Fortaleza, v. 11, p. 289-304, 2020.
- ROSEMBERG, F. Criança pequena e raça na PNAD 2007. **Textos FCC**, São Paulo, v. 13, p. 102, 2013. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/textosfcc/article/view/2429>>. Acesso em: 5 nov. 2021.
- SANTOS, S. R. dos. **Tia, a senhora é negra porque quer: narrativas que abordam memória e identidades.** 2011, 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/10537>> Acesso em: 30 set. 2021.
- TOLENTINO, Luana. **Outra educação é possível.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.